LIVRO DIDÁTICO: UMA REDE INTERTEXTUAL

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães – PUC-MG

Resumo

Discutiremos, neste artigo, a possibilidade de os livros didáticos poderem ser lidos como uma rede intertextual. Analisaremos as referências feitas a obras da literatura infantil em livros didáticos das séries iniciais da educação básica. Nosso objetivo será comparar a representação do mundo infantil da obra literária àquela que se efetiva nos textos do livro didático. Será observado o modo como um fragmento de *A bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga Nunes é retomado por um livro didático de língua portuguesa.

Palavras-chave: literatura-livro didático- intertextualidade

Abstract

In this article, we shall discuss the possibility of textbooks being used as a reading intertextual network. We intend to analyse the references made to children's literature works present in textbooks at the initial stages of elementary education. Our objective is to compare the children's world representation in literary works with that which takes place in textbooks. We shall observe the way in which a fragment of *A Bolsa Amarela* (the Yellow Bag), written by Lygia Bojunga Nunes, is recaptured in a Portuguese language textbook.

Keywords: literature, textbook, intertextuality.

> Primeiro, ninguém pensa que as obras e os cantos poderiam ser criados do nada. Eles estão sempre ali, no presente imóvel da memória. Quem se interessaria por uma palavra nova, não transmitida? O que importa não é dizer, mas redizer e, nesse redito, dizer a cada vez, ainda, uma primeira vez. (Maurice Blanchot – Conversação infinita. Apud, Compagnon,2007)

> As produções humanas, embora aparentemente desconexas, encontram-se em constante inter-relação. Na verdade, constrói-se uma grande rede, com o trabalho de indivíduos e grupos, onde os fios são formados pelos bens culturais. Se se considerar toda e qualquer produção humana como texto a ser lido, reconstruído por nós, a sociedade pode ser vista como uma grande rede intertextual, em constante movimento. O espaço da cultura é, pois, intertextual (Walty et al, 1999, p. 12)

O livro didático pode ser lido como uma rede intertextual. Ele é um tipo de texto que é criado, oficial e intencionalmente, a partir de outros textos. Com esse pressuposto, analisaremos as referências feitas a várias obras da literatura infantil em livros didáticos das quatro primeiras séries da educação básica. Nosso objetivo será comparar a representação do mundo infantil que aparece na obra literária àquela que se efetiva nos textos do livro didático — recortes do texto primeiro.

Na literatura infantil brasileira muitas obras representam o mundo da criança e seu conflito com os valores e regras do mundo dos adultos. Interessa-nos, neste estudo, analisar uma obra em que esse tema é desenvolvido de forma especial: *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga. Com esse estudo, pretende-se apontar um caminho para a análise de como as referências às obras literárias, em alguns livros didáticos, interferem no sentido do texto primeiro e que relações são possíveis de serem estabelecidas entre a citação feita pelo autor de livro didático e a obra literária.

Antes, porém, cabe-nos procurar entender a rede intertextual que se realiza quando se constitui um livro didático e como determinadas relações de sentido são estabelecidas a partir dessa rede. Ao pensarmos na intertextualidade como um processo que pode ocorrer tanto na criação quanto na recepção textual, pode-se afirmar que todo processo de leitura e escrita é, em sua essência, uma relação intertextual uma vez que tanto os autores escrevem sobre o que leram, quanto os leitores percebem o texto a partir de conhecimentos adquiridos em leituras anteriores. Isso significa que as relações estabelecidas num processo de leitura são impossíveis de serem controladas por mecanismos intrínsecos ao texto.

Outro aspecto importante de se apontar é o fato de que nos processos de elaboração textual, as relações intertextuais, principalmente as citações e as referências, são quase sempre marcadas, delimitadas por aspas, corpos menores, rodapés de páginas principalmente no caso de obras consideradas informativas e nas de natureza científica ou acadêmica. Cabe dizer que o livro didático é uma obra aqui considerada acadêmica, uma vez que tem caráter eminentemente informativo, independente dos textos que foram escolhidos para fazer parte dele.

Observa-se que neste tipo de livro encontram-se, freqüentemente, epígrafes, dedicatórias, referências alusões e citações, e outros recursos que evidenciam a construção do livro como um processo intertextual que se realiza na leitura e na escrita.

Muitas vezes, nos livros atuais, as citações são claras, com marcas textuais evidentes. O livro didático torna-se, assim, uma teia, para a qual todas linhas da rede convergem criando um emaranhado de informações muitas vezes imperceptíveis pelos usuários do material. O caráter didático do livro fica sub-evidenciado se pensarmos nesse objeto como uma rede intertextual não explorada em sua condição e em sua amplitude. Não é comum que se veja em estudos escolares, a leitura do livro didático como uma obra específica, de forma que o

leitor tome a plena consciência do que está sendo lido. O que aqui se refere é ao fato de que o que se lê são os textos e os exercícios que o livro apresenta, de forma fragmentada, em lições, seções, unidades, blocos, tal como é didaticamente apresentado pelo elaborador. Não é comum que se leia o livro didático como um artefato único com características definidas e definidoras de estratégias de leitura.

Isso se dá porque os usuários do livro didático — professores e alunos e talvez até autores — nem sempre se dedicam a ler a forma de construção ou seja o jogo de montagem de um texto que se encaixa em outro texto e que compõe um mosaico. Compreendemos que nesse objeto de leitura o que mais se evidencia é essa construção múltipla do livro didático, e o mosaico não é objeto da leitura, portanto, o livro não está sendo lido em sua plenitude.

Ao pensarmos nessa construção a partir das teorias da intertextualidade e à luz do trabalho de citação apresentado por Compagnon(2007), perceberemos que o que fica não-lido no livro didático é exatamente seu processo de elaboração. Não é comum que um leitor de livro didático se pergunte porque determinada epígrafe aparece, que sentido ela atribui ao livro e aos textos que foram apresentados.

A rede e sua forma de constituição

São diversas as maneiras dessa rede intertextual se evidenciar nas obras didáticas que circulam nos mais diferentes tempos entre nós. Uma dessas maneiras é olhar o índice: uma ponta da rede. Outras maneiras de percebê-la é analisar as introduções, as epígrafres, enfim todos os textos que circundam o livro.

Compagnon afirma que "a leitura repousa em uma operação inicial de depredação e de apropriação de um objeto que o prepara para a lembrança e para a imitação, ou seja, para a citação"[1]. Se o livro didático é, exatamente, o resultado da ação de tesoura e cola, cabe-nos refletir sobre que significados essa ação de recortar textos e colá-los juntos em um mesmo objeto de leitura, que se torna múltiplo pela essência mesma de sua criação, estabelece no texto que cria, e nos textos que importa ou apropria.

Se analisarmos a perigrafia do livro didático, ou seja, suas notas, índices, bibliografia, prefácios, prólogos, introduções, apêndices, anexos vamos observar que, mais ainda, através desse exaustivo trabalho de citação a rede dos textos se consolida e nos "permite julgar o volume sem o ter lido, sem ter entrado nele." E muitas vezes essa tem sido a maneira preferencial de leitura do livro didático. Nós queremos propor uma leitura que tanto perceba a perigrafia como "zona intermediária entre o fora do texto e o texto", e que reflita sobre o efeito de cada um dos elementos que compõem os compêndios didáticos.

1 - COMPAGNON, 2007.p. 14.

Em várias edições de livros didáticos encontramos a presença de textos literários. Trataremos aqui de apenas um exemplo. O que se refere à presença da obra *Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga, na obra didática *Atividades de Comunicação* de autoria de Hermínio Sargentim, publicado pelo Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, [s.d], da sexta série e sétima séries.

O exemplo que tomo dessa obra é aquela parte do texto que está inserida no livro do Sargentim. Nesse livro didático, há uma parte da unidade intitulada 'Atividades de composição de textos' em que o autor propõe três redações. A redação 3 simula a seguinte situação: "Você é André e recebe de sua amiga Raquel a carta que vem a seguir. Responda-lhe".[2]

Depois dessa instrução, está uma carta através da qual, Raquel, personagem-narradora de *A bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga conversa com André, personagem inventado por ela, na obra. A carta transcrita é a seguinte:

Oi André!

> O pessoal aqui em casa até que se vira: meu pai e minha mãe trabalham, meu irmão ta tirando faculdade, minha irmã mais velha também trabalha, só vejo eles de noite. Mas minha irmã mais moça nem trabalha nem estuda, então toda hora a gente esbarra uma na outra. Sabe o que ela diz? Que é ela que manda em mim, vê se pode. Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que a criança faz bagunça em casa. Não posso nunca ir na casa de ninguém: ela sai, passa a chave na porta, diz que vai comprar comida (ela vai é namorar) e eu fico aqui trancada pra atender telefone e dizer que ela não demora. Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar.
>
> Essa irmã que eu to falando é bonita pra burro, você precisa ver. Nem sei o que é que ela é mais: se bonita ou mascarada. Imagina que outro dia ela me disse: "Eu sou tão bonita que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher à vontade".
>
> Aí eu inventei que o Roberto (um grã-fino que ela quer namorar) tinha falado mal dela. "Sabe o que é que ele andou espalhando?"— eu falei— "que você é tão burra que chega a meter aflição." Levei uns cascudos que eu vou te contar. E de noite, quando o pessoal chegou (fui cedo pra cama porque vi logo que ia dar galho), ela contou que eu continuava a maior inventadeira do mundo. Aí foi aquela coisa: o pessoal todo ficou contra mim. Fui dormir na maior fossa de ser criança podendo tão bem ser gente grande. Não era pra eu ter inventado nada; saiu sem querer, o que é

2 - SARGENTIM, s.d. p. 85.

que eu posso fazer? E dá sempre confusão, é tão ruim! Escuta aqui, André, você me faz um favor? Pára com essa mania de telegrama e me diz o que é que eu faço pra não dar mais confusão. POR FAVOR, sim?

Raquel.[3]

A unidade do livro didático está tratando de correspondência. O que vale analisar nesse caso é o que acontece com a obra *A Bolsa Amarela* quando apresentada de forma recortada como o que se vê no livro.

É bom que se diga que não temos a pretensão de considerar que um trecho destacado de um livro seja lido como a obra propriamente dita. Isso não só não é possível, como, sabemos, não é a proposta do livro didático. Daí advém o que consideramos importante analisar. Supostamente a obra primeira seria o livro de Lygia Bojunga, entretanto, a maioria dos alunos não tem contato com a obra literária antes de conhecer o livro didático. Dessa forma, o conhecimento da obra se dá pelo contato com o fragmento exposto didaticamente no livro de leitura e, neste caso, adequadamente referido bibliograficamente com explicitação da editora, da edição e da data.

No caso de *A bolsa Amarela*, esse texto citado refere-se a um dos personagens inventados por Raquel, com os quais ela se corresponde para não ficar sozinha. Todo o drama da solidão de Raquel, e principalmente, da forma como a supera — que é através da escrita — não está aqui representado, nem mesmo numa atividade de escrita. A carta dirigida a um amigo imaginário torna-se uma correspondência supostamente real entre dois amigos. O que mais instiga na obra, que é a não demarcação entre o mundo imaginário e o mundo real, desaparece com a atividade proposta pelo livro didático. A apresentação dessa atividade didática evidencia uma interpretação da obra de Lygia, interpretação essa com a qual a maioria dos leitores da obra toda não poderia concordar.

Quem já leu Lygia Bojunga sabe que a autora, ao mesmo tempo em que narra os fatos seqüenciais vividos pelas personagens, apresenta os problemas interiores de cada uma. Lygia tem a mestria de revelar, de forma extremamente sensível, as angústias e os problemas existenciais da infância. Não é diferente em *A Bolsa Amarela*.

A obra de Lygia tem um caráter profundamente metalingüístico e possui uma linguagem coloquial, simples, e representa uma família comum de classe média. A história é contada através da visão de uma criança, que vive o problema da autoridade e da intransigência dos adultos. De forma descontraída a personagem Raquel, que é a própria narradora, expõe seus problemas, suas dificuldades e seus desejos. Vive em conflito com os pais e com dois irmãos mais velhos. Raquel sentia todos contra ela, sobretudo quando descobriam seus

3 - BOJUNGA apud SARGENTIM, s.d.. p.85

segredos. Por se sentir só no meio dos mais velhos, dialogava com o seu imaginário. Através de seus escritos, inventava os amigos, quase sempre com nomes masculinos, porque achava melhor ser homem do que mulher. De tanto os irmãos descobrirem e criticarem seus escritos, incompreendida, Raquel decide não mais escrever: até o dia de ser grande. Para Raquel, o ato de escrever, de criar é tão vital que é através dele que ela reinventa o seu mundo – talvez para fugir da solidão, para expressar os seus desejos na escrita.

O que acontece, então, com a relação entre os textos: a fragmentação altera o sentido do texto de partida e isso ocorre em todo o trabalho de citação. Se a presença da obra literária fosse tratada como uma citação no ato de criação do livro didático e de seu manuseio na sala de aula, a fragmentação não seria um problema em si.

Como a fragmentação da obra literária através da citação no livro didático a descontextualiza, o leitor fica obrigado a estabelecer relações de sentido que, muitas vezes, não fazem parte das possibilidades de leitura do texto de partida. Esse caminho de leitura oferece uma relação tênue entre a obra literária, citada como fragmento no livro didático, e o leitor. Isso ocorre mesmo que o leitor conheça a obra do autor citado, pois o fragmento em contexto distinto da obra literária obriga o leitor do livro didático a fazer inferências novas, obriga-o a desconstruir a leitura feita anteriormente e reconstruí-la a partir do ambiente no qual o texto citado se encontra.

Exemplo disso é a atividade de redação de cartas feita a partir do fragmento de *A bolsa amarela*. André, personagem do imaginário da menina, adquire *status* muito diferente daquele que tem na obra, ao se tornar protagonista das correspondências. Na obra, algumas cartas de André são lacônicas, evidenciando uma clara distinção entre o texto da menina e a forma como Raquel imagina que um menino responderia para ela, como se pode ver no trecho a seguir, que reproduz uma das trocas de bilhetes da menina com seu amigo imaginário:

> *Prezado André*
> *Ando querendo bater papo. Mas ninguém ta a fim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria contar minha vida. Dá pé?*
> *Um abraço da Raquel.*
>
> No outro dia quando eu fui botar o sapato, achei lá dentro a resposta:
>
> *Dá.*
> *André.*[4]

4 - BOJUNGA, 2008. p.10. Foram mantidos os itálicos utilizados na edição.

Essa forma lacônica das cartas de André está referida naquela citada pelo livro didático na afirmação que a menina faz a seu amigo imaginário: "Para com essa mania de telegrama". No livro didático, a atividade proposta, sem nenhuma remissão efetiva ao que ocorre na obra e à forma anterior dos bilhetes atribuídos a André, não propicia caminho de leitura que leve o leitor ao imaginário de Raquel. Evidencia-se, desse modo, que o autor do livro didático não se preocupa com a relação entre os textos que cita e a obra de partida. Preocupa-se com a organização interna do livro, como se isso fosse o único definidor de qualidade.

O problema é que os textos tais como são citados são engessados em uma possibilidade de sentido, que nem sempre mantêm relação com a obra mencionada. A redação proposta, por exemplo, tirou o espaço ficcional da obra.

A nosso ver citações como essas mutilam os dois textos, esvaziam a criação, diminuem as condições de leitura do leitor. Tudo isso ocorre porque aquilo que foi criado para ser polissêmico é, muitas vezes, limitado em um único sentido. No dizer de Ivety Walty, há uma tentativa de domesticar o texto para colocá-lo no livro didático e, conseqüentemente, domesticar a leitura, também. Esse tipo de citação esvazia, ainda, a própria intertextualidade, essência do livro didático. A tentativa de domesticar o texto torna-se tentativa de domesticar o leitor com as questões que se seguem ao texto, que quase sempre indicam um único caminho, uma única entrada para a leitura.

Referências

COMPAGNON. *O trabalho da citação.* Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela.* 34. ed. 12. Reimpressão, 2008.

SARGENTIM. *Atividades de Comunicação.* Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas, [s.d], sexta série.

WALTY et all. *Intertextualidades: teoria e prática.* Belo Horizonte: Lê, 1999